

Furtado insiste na moratória

Ceon - Brasil

• 6 JUL 1983

por Márcio Chaer
de Brasília

O economista Celso Furtado levou ontem ao presidente interino do PMDB, o ex-senador Teotônio Vilela, a sua tese de que a maior prioridade nacional do momento é estancar a recessão econômica. Furtado qualificou de "crimosa" a atual política recessiva, afirmando ainda que não há nenhum motivo para se continuar nela.

"Manobras semânticas" e "problemas biombos", que "visam a ocultar as verdadeiras questões nacionais" são as acusações de Celso Furtado à atual

equipe econômica do governo. "Estão querendo resolver o problema brasileiro com uma terapêutica de curto prazo como em países desenvolvidos, esquecendo que não dispomos, como eles, de mecanismos de proteção à sociedade", alertou o economista.

Furtado afirma que o "Brasil deve agir unilateralmente, suspendendo todos os pagamentos e só depois negociar". Essa atitude na sua opinião não trará maiores problemas ao País: "O Brasil e os demais países do Terceiro Mundo já sofreram todas

as sanções por oferecerem riscos aos credores e nossos parceiros comerciais não deixarão de se relacionar conosco por não deixarmos de pagar banqueiros".

PÂNICO

Valendo-se de seus contatos financeiros na Europa, Furtado afirma que existe "um verdadeiro pânico de que o Brasil peça a moratória, pois diversos países esperam essa 'senha' para fazer o mesmo". O ministro do Planejamento frisou que o mais importante no momento é que o Brasil recupere a sua liberdade de ação, o que seria obtido "não renovando o acor-

do com o FMI e rejeitando o crédito ampliado do Fundo, para evitar as 'condicionalidades máximas' que amarrariam mais ainda a nossa economia".

Remetendo-se às recentes intervenções em finanças, Celso Furtado opinou que "há uma total falta de controle da economia pelas instituições encarregadas", o que ele atribui à perda de autonomia causada pelo compromisso governamental com uma entidade estrangeira. "Uma entidade sem nenhuma condição de avaliar o que é bom para o País, encargo exclusivo de brasileiros", concluiu.